ANO XV NUM. 6

Rem-Te-Vi

Junho de 1937

No dia dos anos de Elisa

Elisa ia dar uma festa de aniversario. Ajudava a mamãe a fazer a lista de nomes de meninos e meninas que deviam ser convidados. A mamãe disse:

— Nós nos esquecemos de escrever o nome da menina que se mudou para a casa nova. Como é o nome dela?

— Chama-se Nina, disse Elisa. Mas eu não vou convidá-la para a nossa festa. Ana, Isa e eu não gostamos dela porque não é correta nos brinquedos.

— Vocês podem estar enganadas, disse a mamãe. Ela me pareceu uma menina tão delicada quando fui visitar sua mãe.

Então Elisa contou:

— Ôntem nós estavamos brincando de amarelinha. Quando chegou a vez de Nina, ela errou, mas fez questão de atirar outra vez e ganhou o jogo. Isso não era direito. Nós dissemos que não haviamos de brincar mais com ela.

A mamãe ficou séria e depois disse:

— Mas todas as outras crianças da vizinhança foram convidadas. Espero que você festeje o seu aniversario no meio de alegria geral.

— Pois bem, disse Elisa; então vou convidar a Nina.

Nina veiu à festa. Elisa lembrou que a mamãe tinha dito para ela ser amavel com todos os convidados. Por-isso recebeu bem Nina, para ela ficar contente em sua casa. Mas Ana e Isa mostraram claramente a Nina que não gostavam dela. Não punham o lenço atrás de Nina, quando brincaram de lenço atrás, nem o anel nas mãos dela, quando brincaram de esconder anel. Na hora de brincar de *pôr o rabo no porco*, Ana e Isa com um empurrão puseram-se na frente de Nina. Elisa reparou que aquele gesto foi rude e que Nina tinha ficado sentida. Pensou como ela mesma ficaria se fosse tratada assim.

Tomou a mão de Nina e levou-a bem para a frente.

A mamãe explicou que cada criança devia ter os olhos bem vendados, para não enxergar o porco no quadro negro. Ia ser divertido as crianças desenharem o rabo na cabeça ou nos pés do porco.

E enquanto a mamãe amarrava o lenço sobre os olhos de Nina, Ana cochichou para Isa:

— Cuidado! Eu sei que ela pode espiar por baixo do lenço.

Mas Nina não podia ver. Ela ia desenhar o rabo do porco na porta. A criançada riu bastante. Nina também riu do seu engano. Enquanto Elisa esperava a sua vez, Nina lhe disse:

— Ôntem fiquei triste por acabar daquele jeito o jogo de amarelinha. Só depois percebi a coisa. Mas, sabe, lá onde eu morava as regras dêsse jogo são diferentes.

— Então foi por isso que você quis jogar outra vez, disse Elisa. Quer brincar disso agora e aprender as nossas regras?

— Ah, eu gostaria muito, disse Nina.

Então Elisa explicou as regras. Terminado o jogo do porco, Nina e Elisa jogaram amarelinha junto com Ana e Isa, e tudo correu direito.

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV — N.º 6 — *REVISTA MENSAL*

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155
OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT, ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Junho de 1937

Gerente responsavel: SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

FEIRA LIVRE

Numa manhã ensolada,
é diversão de primeira
ir ao bosque passear.
Reune-se a criançada
e vamos todos à feira,
os jataís procurar.

Feira livre, mesmo, é esta:
sobre as folhas, à vontade,
tirar o que nos apráz,
encher de frutas a cesta,
gozar de tranquilidade
— só sob os jequitibás!

Nada como o lar

Era segunda-feira e no Jardim Zoológico não havia uma visita sequer. Siminho, o macaco mais novo, estava em absoluta solidão. Só suspirava, suspirava.

Mas afinal apareceu o guarda. Todos os macacos gostavam do guarda. Era um homem alto, de mãos grandes e carinhosas, que sempre parecia ter tempo para levar um macaco passear nos seus ômbros ou no saco que trazia às costas, cheio de papeis usados, cascas de frutas e trapos. Siminho muitas vezes sentiu vontade de tirar uma soneca alí dentro.

O guarda pôs o saco a um canto enquanto limpava a gaiola. Era só entrar dentro e pronto!

Ora, é muito fácil um macaquinho ser levado num saco sem que percebam. E foi assim que Siminho de repente sentiu um solavanco e acordou rolando por um barranco, com o saco, a papelada e tudo o mais.

Siminho, com toda a curiosidade de um macaco, arrastou-se para fora bem devagarinho, com muito cuidado, olhando de um lado e de outro. O guarda tinha desaparecido. A principio, logo que saiu de todo do saco, pensou em voltar para dentro. Não, ele não faria isso. Havia muito que vêr por alí. Ia só dar um giro.

Então correu direito para o riacho ao pé do morro. Enquanto se balançava num ramo pendente, passou perto da agua e viu outro macaco balançando-se em baixo dele. Um companheiro! Que bom!

Deu um pulo rápido sobre uma pedra chata, no meio da agua, para olhar mais de perto aquela carinha. Siminho piscou os olhos; o outro macaco fez o mesmo. Siminho abriu a boca para dizer uma ou duas palavras e o desconhecido atrevido fez isso tambem.

Siminho não estava gostando nada daquele camarada e, de repente, esticando um braço, passou rapidamente a mão pela carinha que olhava para ele. A agua espirrou e a cara quebrou-se em milhares de pedacinhos.

— Está aí no que deu! zombou Siminho, ao mesmo tempo que de um pulo se metia entre os galhos, antes que o outro se formasse de novo e lhe retribuisse a tapona. Mas, como nenhum macaco corresse atrás dele, Siminho começou a reparar em outras coisas.

Logo chegou a um muro de pedra que ia de lado a lado e subia até o céu. Resolveu trepar por alí. Era um muro muito alto e ele, um macaco muito pequeno, mas com o auxilio de todos os dedos das mãos e dos pés, foi galgando pedra por pedra. Enfim sentou-se no tôpo e olhou em baixo, para um quintal.

Lá, diante de seus olhos, flutuavam filas de peças de roupa, muito limpas. Siminho sabia que eram os vestidinhos bonitos e terninhos que tinha visto nas crianças.

— Agora sei onde é que as crianças arranjam a roupa. Elas só tiram as tais das cordas, disse de si para si. Sempre quis umas para mim, bem vermelhas, com bolas grandes.

Nesse momento, uma mulher, saindo da casa, dirigiu-se ao varal. Siminho escondeu-se atrás de uma arvore, perto do muro, e viu a mulher pendurar duas peças de roupa bem pequeninas. Eram um casaquinho vermelho e umas calcinhas com bolas vermelhas.

Os olhos de Siminho faiscaram e ele sentiu uma vontade forte no coração. Mal pôde esperar que a mulher voltasse para casa. Então subiu por um galho da árvore e de lá passou para o poste em que estavam presos os varais. Olhou em todas as direções e, não vendo ninguem, puxou os grampos de roupa, jogou-os ao chão, agarrou as preciosas roupinhas e pulou para baixo, indo esconder-se depressa em baixo de um cipreste. Felizmente ninguem o tinha

visto e agora ele estava num matinho fechado.

Os macacos são muito espertos para fazer certas coisas e Siminho era um especialmente sagáz. Assim, conseguiu vestir o casaquinho, mas com a frente para trás, e depois começou a lidar com as calcinhas. Achou que elas deviam abrir nas costas tambem, e isso daria certinho para sua caudà. Naturalmente, ele não sabia para que serviam os botões, ainda que muito os admirasse, de forma que o casaquinho e as calcinhas ficaram desabotoadas.

O casaquinho assentou muito bem, mas as calcinhas eram uma amolação. Duas vezes, com a pressa de ir embora, ele quasi as perdeu. Mas não queria tirá-las nem por nada deste mundo. Parou em varios lugares escuros para se examinar, extasiado.

Ele ia andando entre o muro e o matinho fechado.

De uma feita um cachorro avistou-o e Siminho teve de segurar suas calcinhas e ziguezaguear em volta dos arbustos.

Ainda estava muito assustado quando se achou entre uns caixotes, nos fundos de um empório. Ele não sabia o que vinha a ser um empório, mas estava conhecendo o cheiro de bananas. Foi seguindo aquele perfume delicioso, sempre de trás de alguma barrica ou caixote. Estava mais preocupado em esconder as roupinhas preciosas que usava de que a si mesmo, porque até um macaco sabe quando tira coisas que não lhe pertencem. E não queria que tomassem aquilo dele.

Afinal ele avistou as bananas sobre um caixote, perto da porta. Foi-se aproximando delas devagar, com muito cuidado. Fisgou os dedos na banana mais próxima, mas naquele momento um homem grande, de avental, apareceu no canto de um balcão.

Siminho disparou, dando melaço, aos pulinhos, para cima e para baixo das caixas, até que chegou na rua. Alí, na sua frente, estava uma espécie de casa sobre rodas, que era na verdade um bonde. Andou ao redor dele e, vendo uma janelinha aberta bem em cima, imediatamente pensou em se esconder lá. Na esperança de que as calcinhas não caissem, deu o pulo e foi parar em cima de uma barra de metal que atravessava a janela. Ele já estava dentro da "casa", escondido debaixo de um dos bancos de trás, quando o homem do empório chegou à rua.

Então ouviu um tinir de campainha e a "casa" começou a se mover, a princípio devagar, depois mais e mais depressa. Outra campainha tocou e eles pararam. Houve um barulho terrível, do qual Siminho não gostou nada. Depois o bonde continuou.

Passado algum tempo, ele começou a espiar para ver se descobria o que era aquela geringonça. Viu uma mulher levantar-se e apertar um botãozinho branco perto da janela. Uma campainha tiniu na frente. O bonde parou, a mulher desceu e este se pôs em movimento outra vez. Isto aconteceu tres ou quatro vezes, até que poucas pessoas ficaram no bonde, todas bem na frente.

Siminho, apesar das roupas roubadas e da banana, subiu no banco, depois na beira da janela, de onde podia alcançar seu botãozinho branco. Apertou-o e, como um relâmpago, escondeu-se outra vez debaixo do banco.

O bonde parou, o homem na frente esperou que alguem saisse, depois fechou a porta e a viagem prosseguiu.

Siminho apertou o botãozinho outra vez. Repetiu-se toda a cêna, mas desta vez o homem da frente perguntou se alguem queria descer. Ninguem queria e o bonde continuou.

Ora veja! Aquilo era engraçado! Divertido a valer! Siminho apertava

um botão, o bonde parava. Isto o enchia de orgulho.

Mas ele cometeu o erro de todos os farçantes — excedeu-se na brincadeira — e desta vez o homem da frente veiu para trás. Estava zangado e, como nenhuma daquelas pessoas sérias do bonde parecia estar pensando em brincadeiras, ele pediu alto e delicadamente que fizessem o favor de só tocar a campainha quando quisessem de fato descer.

Siminho não sabia o que se dizia, mas pelo tom da vóz percebeu que o negocio estava ficando sério. Assim, quando o próximo passageiro desceu, pulou prontamente pela janela e refugiou-se o mais depressa que pôde numa moita do outro lado da rua.

Só então Siminho começou a sentir-se perdido. Para se consolar um pouco, sentou-se e começou a comer a banana, pois estava com bastante fome.

Mas aquelas calcinhas ! Gostava muito delas, mas se ia ter que fugir sempre de um lugar para outro, não havia remédio senão tirá-las. Foi o que ele fez, sentindo-se assim muito mais livre para correr.

Finalmente, quando já estava mesmo exhausto, Siminho chegou a uma casa. Na frente havia um tapete, sobre o qual o sól estava batendo. Acomodou-se alí para descansar.

Ele não tinha intenção de dormir, mas dormiu, e o sôno foi tão pesado que o sól já se havia escondido atrás das árvores quando acordou com uma vóz. Era a de uma mulher, voz muito meiga. Ela estava parada na porta, olhando para aquele macaquinho de casaco vermelho, com meia banana amassada numa das mãos e um par de calcinhas minúsculas na outra.

— Ora é esta ! O filhotinho da macaca ! ela disse.

Siminho gostou de sua voz e nem pensou em fugir. Em vez disso, deixou que ela o erguesse, com casaquinho, calcinhas, banana, perninhas cansadas, coração mole e tudo. Descansou a cabeça no ômbro dela e choramingou baixinho.

A mulher trouxe-lhe leite, um pedaço de pão e conversou até ele comer a última migalha e acabar a banana.

Mas Siminho não largou das calcinhas e quando acabou de comer tentou vestí-las de novo. A mulher o ajudou e mostrou que sabia para que servem botões.

De repente Siminho se lembrou da mãe, que passava a mão pelas suas costas quando ia dormir juntinho a seu lado. Será que ele inda ia vê-la neste mundo ? Então desandou a chorar.

Quanto tempo passaria chorando é que ninguem sabe, porque naquela hora a campainha tocou e a mulher abriu a porta. Era o guarda, aquele homem grande e tão bom !

Siminho correu para ele. Este o ergueu com suas mãos carinhosas e fez-lhe agrados, falando com meiguice.

— Gostaria de ficar com ele, disse a mulher, mas sabia que devia ser do Zoológico ; por isso telefonei. Ele deve estar com saudades da mãe.

— Mas onde será que arranjou as roupas ? perguntou o guarda.

— Está aí uma coisa difícil de saber, respondeu a mulher, a menos que o senhor entenda a lingua dos macacos e ele queira contar-lhe.

O Imperio Romano

Existiu um vasto imperio chamado romano. Quem de vocês crianças, sabe onde fica Roma ? E' uma cidade da Italia, muito interessante. Há lá as ruinas do grande edificio chamado Coliseu, onde se realizavam jogos e onde as homens lutavam com as féras ou entre si; há as do antigo mercado e outras, famosas. Tudo lá é grandioso ; mas os lugares mais visitados pelos turistas são justamente aqueles onde jazem as ruinas. Mas como foi que de todo o antigo esplendor da grande cidade só restam ruinas ?

Há muito tempo atrás, Roma estava no auge do poder. Tinha edificios magnificos, construções maravilhosas para esportes e um fortissimo exercito. Nos tempos primitivos dêsse grande imperio, o povo era forte, corajoso e vivia muito simplesmente. Alimentavam-se de vegetais, azeite e pão ; pouca importancia davam ao luxo. Cultivavam uvas em grande quantidade. Costumavam pisá-las com os pés para obter assim o puro suco de uva. Uma vez ou outra faziam vinho com alcool, mas não abusavam dessa bebida.

A' medida que se passavam os anos, porém, o povo romano ia subjugando muitas nações. Eles lutavam com arcos e flechas e os generais iam em carretas de duas rodas, chamadas "bigas". Entre os vencidos achava-se o povo grego, que perdêra seu proprio poder pelos máus habitos que contraíra. O povo romano não só lucrou com os muitos despojos dessas nações como tambem adotou muitos de seus costumes, principalmente os dos gregos.

Roma foi se tornando muito poderosa e algumas das pessoas mais ricas tinham duzias de casas luxuosamente montadas. Principiaram então a comer e a beber, até chegarem a gastar fortunas em uma unica refeição. Certa vez um homem rico ofereceu um jantar onde se contavam trinta pratos diferentes. Havia avezinhas sobre espargos, frangos, patos, presunto, ovos, e assim por diante, seguidos por vinhos variados, porque os romanos tinham começado a beber excessivamente vinho fermentado. Bebiam, bebiam, bebiam até ficarem com os cérebros embrutecidos. Logo sua força física tambem se dissipou. Eles se abandonaram mais e mais ao vicio, tornaram-se preguiçosos, menos vigilantes e imorais. Por fim chegou um triste dia para Roma.

Ao norte dêsse imperio havia muitos bárbaros e povos semi-civilizados. Eles acompanhavam com interesse tudo que se passava com os romanos e finalmente, quando se certificaram de que as forças militares de Roma estavam suficientemente enfraquecidas, desceram sobre ela em hordas. Não encontraram dificuldade em conquistar os romanos, que se tinham tornado fracos e preguiçosos. Assim Roma foi na verdade destruida por seus máus habitos, especialmente o de beber, e o glorioso Imperio Romano caíu.

Outros países tiveram esse mesmo fim, que será tambem o dos povos atuais que são indulgentes para consigo mesmos e entregam-se a toda sorte de vicios. Não vos esqueçais, crianças, de que o Brasil está escrevendo a sua historia no Livro do Universo, bem como todos os outros países. Essa historia será lida e estudada nas escolas, pelas crianças futuras. Que esplêndido será se nos anos do porvir as crianças puderem estudar que o maravilhoso Brasil foi-se tornando sempre mais forte e nobre porque o povo brasileiro lutou contra o alcoolismo e outros vicios ! As crianças filiadas às Sociedades de Temperança estão assim ajudando a fazer essa historia que outros meninos irão estudar.

FLORA E. STROUT.

O Album de Domingo

Era um domingo chuvoso. As arvores curvavam a ramaria pesada, da qual escorriam fios de agua sobre o passeio do jardim. Gotas grossas tamborilavam nas vidraças. O vento gritava nas esquinas.

Na sala de visitas, Guilherme e Laurita, sentados num sofá, folheavam revistas saboreando as pipocas que enchiam uma biscoiteira sobre a mesinha.

— E' bom estar aqui dentro, observou Laurita, sonhadora, tirando mais um punhado de pipocas.

— Hoje é um dia para se fazer um album, disse Guilherme, fechando o livro que acabava de ler.

— Mas nós já começamos cinco albuns este mês, tornou Laurita. De que mais havemos de fazer?

— Temos um de cães, outro de arvores, de pássaros, de navios, de peixes, enumerou Guilherme. Na semana que vem vamos começar um grande, com gravuras de montanhas do mundo todo. Seria divertido fazermos hoje um menor.

— Já sei! exclamou Laurita de repente. Hoje é domingo; porisso vamos fazer um livro proprio para o dia. Ninguem ainda se lembrou disso.

— E' mesmo, concordou Guilherme. Comece você; eu ajudo. Vamos fazê-lo aqui mesmo, vendo a chuva e comendo pipocas. Mamãe disse que podemos usar esta mesa se a forrarmos com um jornal.

— Não temos o album, mas vamos já fabricar um, disse Laurita, pulando do sofá.

— Temos papel de embrulho azul e pardo, lembrou Guilherme, e podemos tambem fazer algumas páginas daquele papel-fantasia que veiu da chapeleira. Esse album de domingo tem de ser mesmo diferente.

— E' boa idéia, disse Laurita. Nunca fizemos um assim colorido. Você meça e corte todas as paginas. Vamos fazê-las de trinta e cinco centímetros de comprimento por vinte e cinco de largura.

Num minuto Guilherme arranjou a mesa e Laurita trouxe os papeis, tinta, lapis de côr e grude.

Prontas as páginas, Guilherme perguntou:

— Como vamos começar? Vamos procurar quadros sagrados nas revistas?

— Podiamos fazer isso, mas pensei noutra coisa, disse Laurita, quasi derrubando as pipocas no seu entusiasmo. Você quer escrever no album, naquelas etras enfeitadas? Podiamos escolher versículos da Biblia e você os copiaria em diferentes estilos, no alto das páginas. Cada página teria o seu verso e nós procurariamos gravuras que o ilustrassem. Por exemplo, podiamos fazer páginas lindas sobre o Salmo 23, com gravuras de pastores, carneiros e prados. Há um verso sobre a florescencia do deserto, como uma rosa, que poderá ser ilustrado com gravuras de flores.

— E há versos sobre montes, ribeiros, vinhas e raposas, disse Guilherme. Vou escrever nesse album o melhor que puder. Porque você não desenha algumas gravuras a lapis de côr? Você desenha muito melhor de que eu, Lau-

— Pois posso fazer, disse Laurita. Seria esplendido se arranjassemos uns cartões postais com cênas bíblicas de pintores célebres, não?

Vamos ver as gravuras de todas as revistas que temos em casa. Há um monte delas no porão, sugeriu Guilherme. E tambem, sei que tio Ricardo tem umas fotografias da Palestina, que tirou dois anos atrás quando esteve lá. Talvez ainda existam as negativas e a gente podia fazer algumas cópias.

— E D. Albertina tem um livrinho cheio de gravuras, que às vezes destaca e nos oferece, lembrou Laurita. Se ela gostar do nosso album de domingo, há de nos dar algumas delas.

— Sabe, Laurita, esta nossa idéia foi mesmo esplendida, disse Guilherme, que acabava de escrever um verso. Se mamãe e tio Ricardo nos ajudarem, seremos cinco a fazer este album. Quando estiver pronto, podemos oferecê-lo à biblioteca da Escola Dominical.

Você gostava?

Um dia Orestes estava a caminho da cidade para dar um recado de sua mãe. Ao chegar perto da ponte do rio, viu sua amiguinha Gilda, que chorava ali.

— O que foi, Gilda? perguntou Orestes.

— O meu Toddy! Gilda soluçava. Ele acaba morto. Por favor, Orestes, faça aquele menino parar!

Ela desceu correndo a ribanceira. Orestes seguiu-a. Chegando em baixo da ponte, Orestes viu porque Gilda chorava. Francisco Barreto tinha acabado de atirar qualquer coisa marron no meio do rio.

— Veja, Orestes! gritou êle, às gargalhadas, enquanto o bichinho, aterrorizado, patinhava e se estrebuchava nà agua. Veja! Eu o estou ensinando a nadar.

— Pare com isso! soluçava Gilda. Veja só, Orestes! O coitadinho está mais morto que vivo de medo. Francisco! ela gritou quando este se debruçava na agua para pegar o cãozinho, que procurava trepar pela ribanceira — Francisco! nunca mais se atreva a jogá-lo na agua!

— Tolinha! caçoou Francisco. Os cachorros têm de aprender a nadar. E gostam de nadar. Lá vai êle outra vez! E está aprendendo muito bem.

Francisco acabava de erguer o animalzinho, que estrebuchava, quando Orestes agarrou-lhe o braço.

— Ponha o cachorro por terra! Orestes ordenou, zangado. Não vê que êle está morrendo de medo?

— Será verdade? zombou Francisco.

— Como não! respondeu Orestes.

Então o menino teve uma idéia.

— Francisco, êle perguntou, você sabe nadar?

— Um pouco. Porque?

— Você gostava se uma pessoa o jogasse na agua funda e continuasse a jogá-lo, mesmo que estivesse com medo e cansado?

— Ora . . . não sei . . . balbuciou Francisco. Para dizer a verdade, não gostaria, não. Naturalmente, sabia que o cachorrinho não ia afogar-se, porque êle sabe nadar melhor de que eu. Mas — póde ser que êle está mesmo cansado. Tome, continuou o menino, pondo o animal nas mãos de Gilda.

— Muito obrigado, Orestes! Gilda exclamou, toda contente, abraçando o seu cãozinho. Eu não sabia o que dizer para Francisco largar dêle, mas você soube muito bem.

a pagina dos PAIS

CADA FILHO, UM INDIVIDUO

Resmunguei e puxei as cobertas por cima da cabeça, para abafar os gritos desagradaveis que vinham do banheiro.

— Sempre essa René ! estridulava Gloria com toda a autoridade dos seus quatorze anos. Você está só atrapalhando a gente ! Dê o fóra daqui ! Já teve meia hora para escovar os dentes e até agora, nada ! Você só faz uma coisa quando vê que outra pessôa tambem precisa fazer !

Eu não podia ouvir um som siquer de René, mas sabia, tão claramente como se a visse, a atitude que ela assumira : labios contraídos num sorriso afetado, os olhos pestanudos despedindo chamas, inda que naquele caso não podiam ser de odio, disso estava eu certa.

Inutil não dar ouvidos a Gloria, cujos gritos reiterados ecoavam como apitos de sereia :

— Vá-se embora, já disse ! Você precisa levar umas palmadas ! Ma-mã-ã-ã-e !

Procurei chinelos, o quimono e comentei alto, mas tomando cuidado para que não me ouvissem :

— Hoje vai ser um dia do juizo !

Tinha-me apercebido, havia mêses, de que uma das minhas quatro filhas estava-se tornando um problema, e dos sérios. Observara sua mudança, de menina atraente e cheia de vida, que a todos agradava, para uma arrogante, teimosa, sedenta por atenções, dessas criaturas que parecem viver com o unico propósito de fazer reboliço.

Era evidente que ela reconhecia que nos atormentava.

Inda na véspera eu encontrára um bilhete com a sua caligrafia de criança, espetado na porta da cozinha. Dizia que ela estava em casa de Marina e estava assinado *Seu Diabrete de Sáias.*

Esses detalhes e muitos outros passavam pelo meu espírito quando abri a porta do banheiro e examinei a cena. Cinira calçava com esforço as soquetes. Acolheu-me como de costume com um sorriso tímido. Tilda, de sete anos, ainda de calça e corpinho, sentada na banqueta, toda curvada, lia uma historia sobre o Galo Garnisé. Estava muito preocupada em fazer ressaltar sua voz sobre as demais para sequer notar a luta que se passava acima de sua cabeça. René, de nove anos, era toda belicosidade. Gloria, nos seus quatorze anos espigados, tinha uma expressão de raiva e parecia mesmo disposta a dar umas palmadas

Os livros dizem que as crianças refletem o seu ambiente, mas aposto um pé-de-moleque como quem escreveu esses livros não teve visitas até tarde da noite, na véspera, ou quatro filhas que se levantam às sete horas com bom apetite, como qualquer criança sadia.

Eu sabia que falta de sono não me tinha deixado alegre, carinhosa e sensata para enfrentar a presente situação. Se procurasse apaziguar a tempestade, só o faria de modo desastroso. Eis porque, com falsa animação que estava longe de sentir, lancei a pergunta:

— Vocês sabem o que vamos comer ao café ? Panetone, e dos legítimos !

Algo de triunfante na expressão e maneiras de René, enquanto saracoteava fóra do banheiro, mostrou-me de sobejo que ela não aceitara a carapuça. René percebeu que eu havia mostrado fraqueza.

Os livros falam em não se dar ênfase demasiada às diferenças nas personalidades de nossos filhos, para não fazermos comparações descaridosas e injustas. Mas enquanto eu me despertava sob o jacto do chuveiro, pensava com ressentimento como a mãe pode manter uma atmosfera de igualdade, quando tres de suas filhas quasi nunca lhe causam aborrecimentos e a outra nunca deixa passar uma oportunidade de tentar a paciencia alheia. Tratar a cada criança como um individuo ! Se agisse como tal, René receberia toda a minha atenção, pois que o exigia. Sua máxima preocupação, parecia, era manter-se no centro do palco doméstico.

Ao passo que preparava o café, ocorriam-me alguns detalhes que tinham sido a tortura de todos, semanas a fio. E René se me apresentava sempre insistindo, pedindo, como

uma rajada de vento a turbar aguas tranquilas :

"O lugar perto da mamãe é meu ! Sáia daí, Cinira !... Eu quero sentar em frente... E' o meu lugar na mesa (tinha sido justamente o lado oposto na hora da merenda). Eu quero aquele pedaço de bolo... Esses lapis são meus... Eu quero o bombom redondo (sabendo que era o único desse feitio na bomboneira).

E assim toda a sorte de ajuste delicado para a harmonia do lar tinha ido para o limbo desde que René se tornara um problema.

Preocupava-me sobremaneira a circunstancia de René saber não estar procedendo corretamente e mesmo divertir-se em ser desmancha-prazeres e em nos trazer ressentidos.

Como sucede frequentemente, os ameaçadores entrechoques de vontades desapareceram enquanto as quatro meninas matavam a fome comendo panetone com leite e queijo.

Cinira, tendo terminado sua refeição, veiu roçar a face assetinada contra a minha e murmurou :

— Ma-mãe-zinha linda.

Senti crescer em mim uma chama de amor por aquela menina que dava tão pouco trabalho ; mas com idêntica rapidez uma onda de ressentimento substituiu aquele calor afetivo, com o abraço de urso que me deu René, do outro lado, quasi me estrangulando. Isso era patente na minha voz, quando, lutando por me desvencilhar daquele amplexo sufocante, gritei :

—Por misericordia, René, deixe-me em paz !

Naquele momento fez-se luz no meu espírito. Fosse pela atitude de René, que ficou ali imovel, de braços caídos, ou pelo olhar profundamente maguado sobre o qual logo as longas pestanas baixaram, mas repentinamente percebi em que consistia a dificuldade.

Não passava de um menina sedenta por amor e atenção, imaginando que eu amava mais as suas irmãs porque talvez fossem mais bonitas ou bem comportadas. Na minha cegueira, todos aqueles mêses não me apercebera do que sucedia.

Os livros estavam certos. René era um individuo para determinado padrão. Ultimamente ela se tornara ciumenta, invejosa e exigente. Era necessário mudarmos de rumo. Entrevistei essa possibilidade ao ver o seu sorriso de perdão e olhar alegre, quando, atraindo-a para mim, disse-lhe que o pai estava de viagem e porisso ela podia dormir no meu quarto aquela noite.

Compreendendo que era mútuo o mal-entendido entre nós, dei-me por feliz em que ainda fosse tempo de reconquistar muita coisa. Um pouco mais de paciencia, de tolerancia, de mistura com muito amor, e tudo viria às boas.

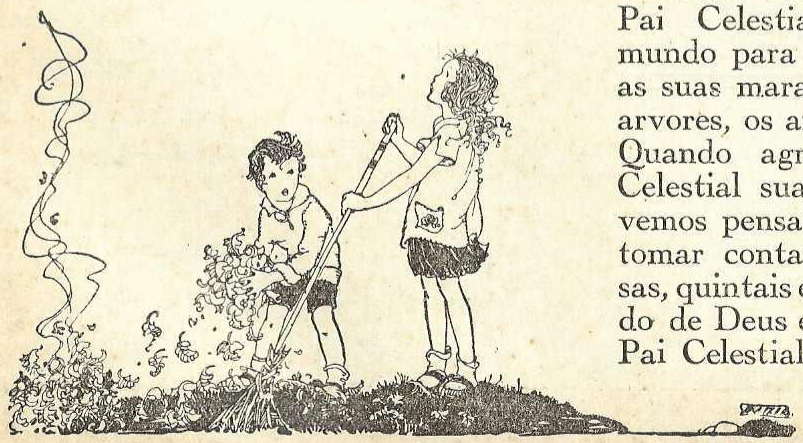
E assim foi. Algum tempo após esse incidente, René aconchegou-se a mim ao dar o beijo de boa-noite.

— Nós somos uma familia feliz, não, mamãe ?

— Somos sim, meu bem.

— Eu penso que é porque nos amamos tanto, não acha, mamãe ?

COMO AJUDAR O PAI CELESTIAL



Muito trabalhou por certo nosso Pai Celestial afim de fazer este mundo para nós vivermos, com todas as suas maravilhas. Teve de criar as arvores, os animais, passaros, homens. Quando agradecemos ao nosso Pai Celestial sua esplendida criação, devemos pensar tambem em O ajudar a tomar conta do mundo. Nossas casas, quintais e jardins são parte do mundo de Deus e muito podemos ajudar o Pai Celestial tornando o nosso pedaço do mundo o mais limpo ordeiro e bonito que fôr possivel.

A Gente Não

Era uma vez um menino chamado Rubens. Ele queria muito um bichinho — queria mais de que tudo. Quando ia passear com a mamãe, sempre queria ir ao Jardim Zoologico. Ele gostava de ver os animais.

Quando a mamãe ia fazer compras, Rubens pedia para parar diante da casa de animais. Ele queria ver todos os bichos. Havia canarios, papagaios, cachorrinhos lulús e gatinhos ângoras.

— Mamãe, eu quero um bichinho, pedia Rubens repetidas vezes. Eu gosto tanto de animais!

— Mas, meu bem, disse a mamãe, será que se eu lhe der um bichinho você vai ser sempre bondoso e cuidadoso para com êle?

— Eu quero tanto um! respondeu Rubens. Compre e a senhora vai ver, mamãe.

Então a mamãe resolveu comprar dois peixinhos dourados num aquário. Eram mesmo muito bonitos. Rubens ficou encantado em poder levá-los para casa.

— Não dê comida demais para êles, avisou o caixeiro. Ponha o aquario na sombra e em lugar que não seja muito quente.

No principio Rubens tomou muito cuidado. Mas logo ele esqueceu tudo que o caixeiro tinha dito. O aquário ficou perto da janela, onde fazia bastante calor.

Rubens alimentou demais os peixinhos. Como gostava de vê-los mordendo a comida, começou a pôr no aquario uma porção de coisas. A verdade é que êle só estava pensando em si mesmo e na sua diversão e nem um pouco no que era bom para os peixinhos. Pois com o tempo morreram os dois. Eles não podiam viver daquele jeito.

— Eu quero mais peixinhos dourados, pediu Rubens.

— Não, respondeu a mamãe. Você não é cuidadoso. Os aninais precisam de trato. Uma vez que você não sabe cuidar dêles, não ganhará mais.

Mas Rubens prometeu que ia fazer tudo direitinho e ficou tão triste que o papai lhe deu um canario lindo.

— No inverno, cubra a gaiola de noite, disse o caixeiro. Ponha alpiste e agua fresca todos os dias. Nunca pendure a gaiola num lugar muito quente, ou muito frio, ou onde vente. De vez em quando dê para êle folhinhas de alface.

Rubens estava com vontade de fazer tudo aquilo, porque gostava mesmo de

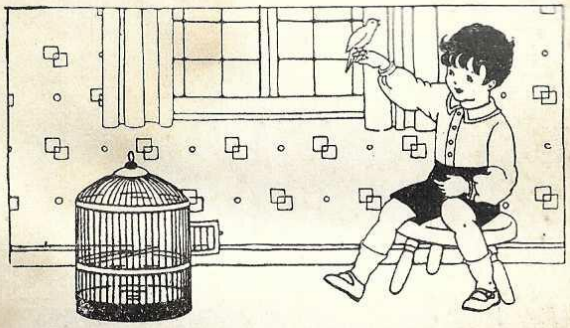
Se Esquece

animais. Ele não queria que o canarinho fugisse e a gaiola ficasse vazia. Mas às vezes fechava bem as janelas e deixava o canarinho voar pela sala. Isso era para o passarinho ficar domesticado e querendo bem a êle.

Vocês nem calculam como Rubens foi cuidadoso! Nunca se esquecia de dar alpiste e agua fresca para o canarinho. No inverno, cobria de noite a gaiola. Era sempre atencioso para o passaro, mesmo quando estava com pressa de sair para brincar.

Logo o canario ficou mansinho e vinha sentar-se no dedo de Rubens e cantava, cantava. Ele aprendeu a voltar para a gaiola, tambem, depois de ter voado pela sala.

Com todos esses cuidados com o canario, Rubens começou a pensar tambem nos outros passarinhos. Todas as manhãs punha alpiste e miolo de pão no parapeito de sua janela. Agora



compreendia que todos os passaros e animais precisam de nossos cuidados.

O canarinho de Rubens contou-lhe tudo isso cantando lindamente. E os passarinhos de fóra tambem falaram isso com uns pipilos alegres na sua janela.

Então a mamãe e o papai deixaram Rubens ter mais bichinhos — um cachorro paca e mesmo outros peixes dourados. Rubens era bom amigo de todos eles; porisso fôram bem tratados. Porque a gente não se esquece de um amigo — nunca!

O Cabritinho Divertido

Capitulo IX

O SEGREDO DO DESERTO

No seu jacá, a um lado das cangalhas, fraco e sedento, estava o cabritinho Zem. Do outro lado ia Diji, tambem com sêde.

Na véspera, quando os camelos carregados tinham fugido da tempestade, afastaram-se da rota regular das caravanas. Eis porque naquele dia, em vez de estarem junto ao poço de El Tana, ainda atravessavam o deserto.

Os odres estavam vazios. Enquanto não encontrassem agua, homens e animais haviam de sofrer sêde.

Ao meio dia o Sheik Beni-Nef, que chefiava a sedenta caravana, fez alto. Depois disse, apontando com o indicador :

— A oeste, vêde, há no céu sinal de agua — um *Kargi Mulet* (abutre branco) ! Como todos sabem, quando se avista um *Kargi Mulet* adejando, deve haver nascente de agua naquele ponto. Desviaremos à procura daquela nascente ?

Os viandantes assentiram com as cabeças e viraram as montarias para o oeste. Os camelos apressaram o passo, como se sentissem cheiro de agua. No seu jacá o cabritinho preto mexeu o focinho, fungando com delicia.

A animação dos animais era indicio certo de agua próxima !

Por algum tempo a caravana concentrou todos os seus esforços por atingir a meta. Afinal fez alto justamente no ponto sobre o qual adejava o abutre branco.

Os homens desmontaram. Diji e Zem sairam meio entorpecidos dos respectivos jacás. Todos marcharam pela areia à procura do olho de agua.

Mas não havia agua ! Nem sequer uma malha de areia úmida indicava lugar próprio para a abertura de um poço. Contudo, o abutre adejava por sobre eles.

Os homens deram nova busca, mas em vão. Ah, inda que fossem algumas gotas para refrescar linguas duras e ressequidas !

Foi então que o cabritinho preto, que explorava por sua conta, correu para Diji e esfregou o focinho nas mãos do jovem dono.

Diji pulou depressa. O focinho de Zem estava molhado ! O cabritinho encontrara agua algures. O menino anunciou o fato aos homens mais próximos. Estes e Diji seguiram Zem, que foi trotando na frente como se soubesse bem onde os levaria.

Zem deu a volta de um monte de areia e parou ao lado de uma barreira de rochas negras, em cuja base havia uma fenda. O cabritinho ficou ali, agitando com animação o rabinho.

Tinha de ser que Zem encontrara agua dentro daquele buraco. Diji ficou de joelhos e espiou por ele. Era completa a escuridão naquela cavidade. Ela tinha mesmo aparência tenebrosa.

O menino afastou-se. A abertura era tão pequena que só daria para um corpo pequeno como o seu. Mas ele — ah, não, ele estava com medo ! Não podia mesmo entrar ali.

Mas Diji tinha sêde e sabia que todos os outros sofriam o mesmo.

— E-eu-u —

Diji principiou a falar, mas parou para criar um pouco mais de coragem e firmar a voz trêmula :

— Se quiserem amarrar uma corda em mim e dar-me uma tocha, eu vou inspeccionar este buraco.

Bateram-se pedras de fogo para se obter faisca e acendeu-se uma tocha de acacia. Com uma corda passada à cintura e a tocha à mão, Diji insinuou-se no buraco ao qual Zem os conduzira.

Após pequeno percurso, viu que já podia ficar em pé. Ele estava numa caverna, uma gruta de agua em baixo do deserto. A tocha iluminou um fio dela, que corria logo adiante.

— Agua !

O grito triunfante de Diji ecoôu pela gruta para reanimar os outros.

— Agua ! Agua !

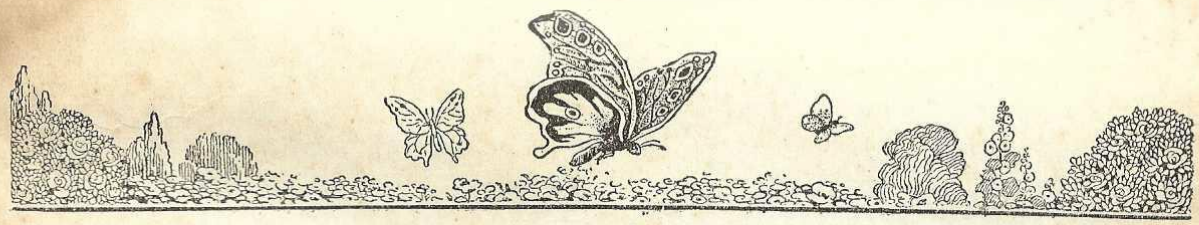
Qual intérmina corrente, os odres foram rrastados pela estreita boca da gruta a dentro. Diji ficou com as costas doloridas de tanto baixar-se e erguer-se. Mas era um sofrimento que valia. Ele estava tirando agua que ia matar a sêde de homens e animais.

Depois de descansar, dormindo ao relento ao lado de Zem, Diji tornou à caverna. Desta vez tinha tempo para examiná-la à vontade. Numa fenda que descia terra a dentro, a nascente brotava, escorrendo por um leito de seixos, para desaparecer de novo em baixo das rochas. Ainda que a entrada fosse tão apertada, a gruta mesmo era espaçosa. Por toda a parte os muros ostentavam gravações — quantidade de raposas, pássaros e outras criaturas do deserto. Tambem havia animais de pescoço longo, semelhantes a camelos, que Diji não conhecia. Eram girafas.

De volta, e em conversa com o pai, Diji perguntou-lhe quem fizera as gravações na gruta.

— Não sei, respondeu o Sheik. Devem ter sido gravadas por algum povo que viveu nesta região há muitas gerações.

(Continúa).



Para ganhar a coroa

Num festival pagão da antiga Gália um jovem cristão recusou-se a prestar culto à imagem da deusa Cibele, levada em cortejo pelas ruas. Foi apedrejado e arrastado à presença do imperador, acusado de sedição, e condenado à morte. Em atenção à sua categoria social, ofereceram-lhe a vida com a condição de lançar uma grinalda de flores aos pés de Cibele.

A sua unica resposta foi :

— Sou cristão!

Foi levado para fora de muros, e quando ia chegar ao local da execução, escoltado por litores armados com o machado fatal, ouviu-se um grito :

— Sinforiano, meu filho !

Era a mãi.

Tôda a gente pensou que a mãe aconselharia o rapaz a retratar-se. Porém, com voz que nada tinha de vacilante, a mãe continuou :

— Meu filho, meu filho único, Sinforiano, sê fiel à tua fé. Eles não podem tirar-te a vida ; apenas podem fazer com que a troques por outra melhor. Sê fiel até à morte *hoje*, e ganharás a coroa da vida *eterna*.

Palavras corajosas foram essas, e dignas do tempo em que se dava mais aprêço à honra do que à vida.

Nosso Senhor precisa hoje também de homens e mulheres que assim O sirvam : não de seres débeis, mas de homens e mulheres criados à semelhança de Deus, com os rostos erguidos para o Seu trono, obedientes à Sua lei, e prontos para vier ou morrer por Ele.

A Cesta de Piquenique

Numa manhã fresca, a tia Katushka de Andrewshek disse :

— Andrewshek, estou com vontade de pôr uns sanduiches, fatias de queijo, biscoitos com confeitos e dois ovos cozidos na cesta de piquenique. Depois nós podemos ir ao parque e tomar a merenda lá, perto da agua.

— Posso ir com a senhora, tia Katushka ? perguntou Andrewshek.

— Naturalmente que pode, disse tia Katushka. Mas antes de irmos ao parque temos de fazer muitas coisas. Preciso ir ao quintal pegar a cabra branca. Vou amarrá-la para que não fuja. Faça o favor de procurar o gatinho, Andrewshek e de fechá-lo no porão, para ele não perseguir as galinhas enquanto estivermos fóra.

Mas a unica coisa que Andrewshek fez foi erguer o guarda-napo xadrês-vermelho com que tia Katushka tinha coberto a cesta de piquenique e espiar os ovos, os biscoitos, mexer nos sanduiches e provar o queijo.

Foi dificil pegar a cabra. Ela queria ir ao parque tambem. Começou a galopar em volta do quintal.

Por fim tia Katushka agarrou a cabra, e amarrou-a bem firme num pau.

Depois tia Katushka foi para casa buscar Andrewshek e a cesta. Então viu Andrewshek espiando em baixo do guarda-napo xadrês-vermelho e provando o queijo. Ele tinha-se esquecido completamente do gatinho.

E não houve meios de acharem o gatinho.

— Com toda certeza ele foi visitar a familia dos camondongos, disse tia Katushka.

Então tia Katushka pôs seu chale vistoso e, em baixo do braço, o guarda-chuva de cabo grande, revirado. Depois pegou a cesta coberta com o guarda-napo xadrês-vermelho e saiu para o parque com Andrewshek.

Eles desceram o morro, caminharam por uns trilhos, passaram pelo mercado e desceram uma rua comprida, até que chegaram ao parque, à beira do rio.

Andrewshek sentou-se na grama, ao lado de um riacho. A tia Katushka de Andrewshek pôs o guarda-chuva de cabo grande, revirado, e a cesta com a merenda, na grama, ao lado de Andrewshek.

— Andrewshek, disse tia Katushka, eu vou ali à fonte buscar agua fresca para bebermos. Enquanto isso, faça o favor de tomar conta da cesta com os ovos, sanduiches, biscoitos e queijo.

— Está certo. Eu vou cuidar da cesta com a merenda, disse Andrewshek.

Mas Andrewshek ficou só olhando para o rio e dizendo para si :

"O que eu quero é tirar os sapatos, as meias e andar nesse riacho. E vou mesmo !"

Então Andrewshek tirou os sapatos, as meias, e entrou na agua.

Um cisne branco, grande, descia o riacho boiando calmamente. Ele viu a cesta de piquenique na grama. Então parou e esticou, esticou o pescoço comprido, até alcançar a cesta.

— *Honc-honc-honc !* disse o cisne. Que haverá em baixo do guarda-napo xadrês-vermelho ?

O cisne grande ergueu o guarda-napo com o bico vermelho e espiou.

— Oh, oh ! Como a Mamãe-Cisne ficaria encantada com essa merenda ! disse ele. Pão de sanduiche faz muito bem para os cisnes-nenés.

Ele pegou a cesta com o bico forte e lá se foi agua abaixo com ela boiando na sua frente.

Andrewshek não pôde correr atrás do cisne grande porque a agua era muito funda.

— Psiu ! Pare aí ! gritou Andrewshek. Essa é a cesta de piquenique de tia Katushka e a nossa merenda está dentro ! Deixe a cesta na grama, por favor !

— Nada disso ! Não vou voltar com sua cesta ! grasnou o cisne branco. Pão de sanduiche é ótimo para cisnes-nenés e eu tenho dez filhotes para dar de comer.

Com isso, o cisne grande empurrou com o bico vermelho a cesta, que foi boiando agua abaixo. O cisne ia boiando atrás, muito sossegado.

Nessa hora chegou a tia Katushka de Andrewshek, de volta da fonte. Ela viu o cisne boiando pelo riacho, com a cesta na frente.

Andrewshek estava no meio da agua, chorando.

Tia Katushka pegou o guarda-chuva de cabo grande, revirado, e foi correndo pela margem até alcançar o cisne com a cesta.

Então, laçou a alça da cesta de piquenique com o cabo virado do guarda-chuva e puxou a cesta até a margem.

Depois, enquanto tia Katushka estendia o guarda-napo xadrês-vermelho na grama e punha em cima dele os sanduiches, os biscoitos, os ovos e as fatias de queijo, ia dizendo :

— E' como eu sempre digo : vale a pena a gente levar guarda-chuva a um piquenique !

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

BOLO DE CAFE' E LARANJA

1 ovo
8 colheres (de sopa) de manteiga derretida
½ chicara de leite
Casca ralada de uma laranja
½ chicara de açucar
2 chicara de farinha
⅓ colher (de chá) de sal
½ chicara de caldo de laranja
4 colheres (de chá) de fermento em pó.

Bata o leite, o açucar, o sal, a casca de laranja e o ovo (bem batido). Adicione ½ chicara de farinha e a manteiga. Acrescente o caldo de laranja e o resto da farinha peneirada com o fermento, Ponha em forma redonda, untada, e cubra com o seguinte

COBERTO :

2 colheres (de sopa) de manteiga amolecida
½ chicara de açucar mulatinho.
½ chicara de nozes ou amendoas picadas, ou coco ralado.
½ colher (de chá) de canela em pó
½ colher (de chá) de noz moscada.)

Misture todos os ingredientes e passe essa pasta sobre a massa crúa. Leve ao forno regular e deixe assar (por 20 ou 30 minutos.)

Uma tarde de divisão

Silas e Marta divertiam-se tanto em casa aos sabados ! Mal acabavam de tomar o café, a mamãe lhes dava uma lista, explicando quais os serviços de cada um. Não eram trabalhos dificeis, e, além disso, toda a familia trabalhava de manhã para poder divertir-se melhor à tarde. Era engraçado abrir os papeis para saber quem iria varrer a escada, ou enxugar a louça, ou ajudar o papai na garage. A's vezes havia serviços diferentes, como "ajudar a mamãe a cortar e assar biscoitos" ou "ir com o Papai à chacara da vóvó trazer laranjas", e isso nem era trabalho. E, nas tardes de sabado, todos subiam no carro e iam fazer um piquenique no campo, ou um passeio em qualquer outra parte.

Mas nesse sabado fazia frio e chovia ; por isso Silas e Marta sabiam que não iriam passear. Tiveram trabalhos para fazer em casa pela manhã. Depois, as crianças estavam curiosas por saber quais eram os planos do papai e da mamãe para o resto do dia. Quem sabe se não haveria uma surpresa ?

— O que é que nós vamos fazer esta tarde, papai ? perguntou Silas na hora do almoço.

— Uma coisa bem diferente, o papai falou.

— Que tal uma tarde *de divisão* ? Se tudo correr bem, poderemos ter uma por mês. Estão gostando ?

— Uma *tarde de divisão ?!* O que quer dizer isso ? perguntou Marta.

— Como vocês sabem, continuou o papai, nós temos passado tão boas horas, juntos, que eu pensei em dividí-las com alguem mais. Então hoje cada um de nós escolherá uma pessoa que deseje alegrar e convida-la-á para passar a tarde conosco. Elas serão nossos hospedes.

— O'timo ! exclamou a mamãe. E elas ficarão para o lanche.

— A quem havemos de convidar ? perguntou Marta.

— Temos meia hora para pensar, disse o papai. Quer dizer que teremos tempo para tirar a mesa, lavar os pratos e deixar tudo pronto. Vamos pensar trabalhando.

Ninguem falou muito enquanto o serviço ia sendo feito. Só uma vez Marta cochichou á mamãe e bateu palmas quando esta cochichou a resposta. Feito o serviço e posto cada prato em seu lugar, a familia preparou-se para falar :

— A mamãe primeiro, disse papai. Quem é que você deseja convidar ?

A mamãe sorriu.

— Eu escolhi a tia Aída, ela falou.

Silas olhou para Marta esta olhou para o papai, e papai olhou para mamãe. Então êle perguntou o que todos estavam pensando :

— Quer mesmo que ela venha ? Tia Aída é tão surda que vai deixá-la exhausta.

— Mas vive tão sòzinha desde que a filha se mudou, que ficará contente em estar comigo. Sim, eu escolho tia Aída.

— Agora é o papai, gritou Silas.

— Foi-me dificil escolher, mas decidi convidar o Zézé Miranda, disse o papai. Ele já se levantou e póde andar de muletas, o pobre rapaz ! Além do mais, sei que êle se interessa pela minha coleção de selos. Já me disse mesmo que queria arranjá-los no album.

— A minha escolhida, disse Marta, é

Paula, a menininha que se mudou para a casa da esquina. Eu sorri para ela ôntem e ela mostrou-me da janela uma bonequinha de papel.

— Não sabia a quem convidar, disse Silas. Pensei em chamar o Chiquinho. Mas depois, lembrei que o Flavio Soares me disse que gostaria de ter um trenzinho eletrico. O pai dêle não lhe póde comprar um. Vou convidá-lo para vir brincar com o meu.

— A nossa *festa* começa bem, disse o papai. Eu vou tirar o carro da garage e trazer os nossos convidados. Enquanto isso, vocês poderão assar umas bananas, e descascar e torrar amendoins.

E assim, num abrir e fechar de olhos as visitas chegaram. Os sorrisos que traziam demonstravam o seu contentamento por terem sido lembrados.

A mamãe e a tia Aída ficaram na saleta costurando e conversando, apesar de a mamãe ter que falar bem alto para que a senhora pudesse ouvir. O papai e o Zézé ficaram colando os selos, numa mesinha no *hall*. Marta e Paula, sentadas no chão, brincavam com as suas bonecas. Silas e Flavio estavam brincando de trens rapidos e trens de carga no quarto de brinquedos. Os seus assobios podiam ser ouvidos pela casa toda.

A tarde voou. O lanche foi muito divertido, e quando o papai, depois de levar os convidados de novo para as suas casas, voltou, toda a familia estava muito contente.

— Como foi bom ! exclamou Marta, quando êles se sentaram para conversar.

— Para mim foi este o sabado mais alegre que passámos, disse Silas. Nunca pensei que fosse tão bom *dividir*.

— Então vamos ter um sabado de divisão cada mês, falou a mamãe, sorrindo.

E assim, aquela tarde foi a primeira, de muitas que se seguiram, cheias de alegria para outras pessoas e para êles mesmos.

Almas do outro mundo

Vovô estava sentado no banco em baixo da mangueira. As crianças brincavam ali perto. Ele podia ouví-las conversando.

— Sim senhor, dizia Carolina, dizem que ha almas do outro mundo naquela casa velha do outro lado da pote.

— Historias ! comentou Agenor. Não acredito em fantasmas.

— Você já viu algum, Carolina ? perguntou Juvenal.

Nesse momento o vovô chamou alegremente :

— Venha cá, criançada. Vou contar uma historia de espiritos.

— Que bom ! gritaram em côro os pequenos.

O vovô começou :

— Meu avô era de uma pequena aldeia da Alemanha. Tinha o oficio de tecelão, quer dizer, fazia pano no tear de mão. Ele sempre ouvia falar nos fantasmas que havia na floresta entre a aldeia e uma cidade grande. O pessoal tinha tanto medo dêles que ninguem se atrevia a tomar,de noite,o atalho pela floresta. Um dia meu avô precisou de certas provisões e resolveu ir buscá-las na cidade. Ficou bastante atrasado aquela tarde e quando chegou à beira da floresta já tinha escurecido. Hesitou um pouco sobre o que faria. Seria mais prudente tomar a estrada que rodeava o mato ? Mas o caminho ficava quilómetros maior e êle estava cansado. Pensou lá consigo : "Com almas ou sem elas, vou pela floresta !" Então arranjou um cacete forte e meteu-se pelo atalho. Pois não é que logo depois ouve um som exquisito ? Seriam almas do outro mundo ? Ele continuou a andar. Por fim o barulho ficou mais distinto. A lua brilhou alí. Então, chegando perto de um grupo de ameixeiras, meu avô descobriu os fantasmas. Sabem vocês quem eram êles ? Nada mais que um bando de porcos que comiam as ameixas do chão, e o barulho era dos dentes dos animais quebrando os caroços das fructas ! Meu avô divertiu-se com a coisa e deu boas risadas. Na manhã seguinte êle contou para o pessoal que tinha descoberto os fantasmas.

— Pode ser, balbuciou Carolina, pode ser que as almas da casa velha sejam só as folhas das janelas batendo com o vento.

— Não é nada de admirar, concordou o vovô.

apesar dos pesares

O Menino Que Quis Ser Famoso

"Minha vida é uma historia linda". Isso foi o que disse Hans Christian Andersen. Realmente, a vida dele foi semelhante a um dos seus proprios contos.

Em menino Andersen vivia com seus páis em dois quartos pequeninos, na cidade de Odense, Dinamarca. Seu pái era sapateiro. Uma banca de trabalho, um leito grande e a caminha de Hans quasi enchiam um dos cômodos; mas ainda havia quadros nas paredes e um armário embutido contendo jogos e cantos. O outro aposento era a cozinha. Tres paredes brilhavam com pratos e panelas luzentes; na outra estava encostada uma escada que levava ao této, onde a mãe de Hans tinha um caixote grande cheio de terra. Era o seu jardim.

O pequeno Hans era filho unico. Se fazia bom tempo, aos domingos, o pai levava-o ao campo e lá o menino colhia flores para tecer grinaldas ou procurava morangos. Por vezes na entrada da primavera a mãe de Hans punha o seu melhor vestido de algodão e ia junto. Então eles traziam braçadas de ramos, com que enfeitavam os dois quartinhos.

Havia ocasiões em que o sapateiro limpava a banca de trabalho de todos os apetrechos e ajudava Hans a construir ali um teatrinho e fazer bonecos pequeninos. E era uma alegria para o jovem pai, em companhia do menino, passar no pequeno palco representações de sua propria lavra. Por vezes Hans via que o pai tinha um olhar triste. Era quando o sapateiro se lembrava de como desejara prosseguir nos seus estudos e ter melhor educação. O pai de Hans não gostava de seu oficio.

Passavam-se os anos. Quando Hans era ainda menino, morreu-lhe o pai. Pobre Hans! Perdera assim o amigo querido. Sua mãe foi lavar roupa e ele frequentava a escola. Mas não era boa a escola e ele passava o resto do dia em casa, muito só, a brincar com o seu teatrinho.

Com o tempo a mãe de Hans decidiu fazer o menino aprender o oficio de alfaiate. No entanto, isso desagradava a Hans tanto quanto desgostava ao pai ser sapateiro. Ele tinha economizado umas moedas, que pareciam respeitavel soma para um menino de quatorze anos.

— Deixe-me ir a Copenhague, mamãe, pediu Hans.

— O que vai fazer lá? perguntou-lhe a mãe.

— Vou ficar famoso, tornou Hans.

Então Hans contou para a mãe todas as historias que havia lido sobre grandes homens; de como tinham lutado e sofrido privações, mas vencido por fim.

Depois de certa relutancia a mãe acedeu ao seu desejo. Um belo dia o pequeno Hans pôs-se a caminho, acompanhado pela mãe e avó até o portão da cidade. Lá as duas mulheres fizeram as suas despedidas e ficaram com os olhos postos nele, até uma curva da estrada esconder a sua cabeça loura.

Hans levou muitos dias para chegar a Copenhague, e logo que alcançou a cidade acabou-se-lhe o dinheiro. Então começou a luta. Era dificil arranjar trabalho e o jovem Hans nem mesmo sabia como conseguí-lo. Frequentemente, durante os anos que se seguiram, passou frio, fome, e andava adoentado.

Ele tentou escrever representações, mas ninguem queria comprá-las. Afinal Hans fez amizades valiosas. Esses amigos acharam seus trabalhos interessantes e conseguiram para ele uma subvenção do rei. Isso o ajudava a prosseguir nos seus estudos. O piór já tinha passado.

Dentro em breves anos todo o país falava de um extraordinario poeta e

escritor para crianças e teatro. Até reis e rainhas buscavam-no para ouvir os seus contos. Por vezes, ao passo que narrava as historias, com os longos dedos cortava silhuetas, ilustrando os diversos episódios.

Aquele narrador era Hans, que se tornara famoso, conforme prometera à mãe muito tempo antes. Quão orgulhosa estava agora a boa senhora!

Toda a cidade de Odense rejubilava-se pelo seu sucesso. Quando Hans voltou ao seu lar, o povo da aldeia promoveu uma grande festa e homenageou-o de muitos modos.

Como vê o leitor, a vida de Andersen em muito se assemelhou a um de seus lindos contos.

De que historias de Andersen você gosta mais? "O Patinho Feio", "O Soldadinho de Chumbo", "Branca de Neve", ou...?

Como ensinar seu cão

Treino Caseiro

O treino caseiro é muito penoso; mas desaparece o problema se lembrar que os cachorros herdam muitos traços do animal selvagem. Sabe-se, por exemplo, que nenhum animal selvagem suja a jaula, se houver outro meio. Muito antes de ter trazido para casa seu cachorrinho, a mãe dele já o ensinou a fazer fora da casa suas necessidades, e esse será seu proceder, se se favorece. Assim, leve-o ao quintal frequentemente e *sempre pela mesma porta*. Dentro em pouco ele lhe dirá que deseja sair, mostrando mau-estar, ganindo ou indo para a porta; e a culpa não será dele, se não for atendido em tempo.

Lembre-se disto tambem: se o cachorro de uma visita sujar o soalho ou tapete, o seu o imitará logo que sentir o cheiro. Não bata nele por isto, pois é mais que natural a um cachorrinho. Quando o outro fôr embóra, limpe o lugar depressa e espalhe pimenta em cima. Porque pimenta? Porque o seu cachorrinho não irá cheirar alí. O acertado será prendê-lo no quintal até a visita sair.

Nenhuma lição deve dar nos primeiros dias, até que o cachorrinho o tenha aceito como seu melhor amigo. Então pode começar com a lição mais importante, que é fazê-lo vir no momento que chama ou assobia. Para isso são necessárias repetidas tentativas, a menos que pretenda usar o método forçado, do qual não gosto, embora muitos treinadores profissionais só dele façam uso.

E' indiscutivel que para a maioria dos cachorros é melhor dormir ao ar livre, tanto no verão como no inverno. E' mais de acordo com a natureza deles e melhor para a sua saúde, especialmente para a pelagem.

Meu cachorro tem uma casa com dois cômodos um fechado e o outro completamente aberto. Ambos são providos de uma cama de palha, no inverno apenas, renovada frequentemente. Nas noites mais frias, o ca-

chorro dorme no quarto aberto, com o nariz para o ar, e não sómente isso, mas às vezes, nas manhãs de inverno, eu o encontro bem acomodado no chão limpo. Só se recolhe ao quarto mais quente no caso de chuva ou neve molhar o outro. Esta não é, pois, minha opinião sobre o assunto, mas a do proprio cachorro.

Quer conserve seu cachorrinho dentro ou fóra de casa, uma coisa, porém, deve fazer para segurança dele e seu conforto : conservá-lo na corrente parte do dia e toda a noite. Talvez surjam objeções a isto ; assim sendo, citarei algumas das muitas razões em favor do uso da corrente.

O cachorro é por natureza andejo, à semelhança do lobo, seu irmão selvagem. Se o deixarmos à vontade, ficará vagueando e provavelmente incomodará os vizinhos — até que um desastre de automovel ponha fim à vagabundagem. A' parte esta questão de segurança, é uma comodidade saber-se ao certo onde está o cachorro, a qualquer momento. A' noite, tambem, especialmente nas de luar, dá-se estranho fenômeno com o cão e ele se põe a vaguear — o mesmo que sucede aos lobos, fazendo-os uivar para a lua. O dono terá sono mais tranquilo se souber que seu cachorro está preso na casinha e não errando por toda parte com outros cães, o que fará, sem dúvida alguma, se ficar solto.

Mas não será cruel, perguntar-se-á, conservar o cachorro acorrentado ? Pelo contrário, uma vez estabelecido o hábito, ele at´ o aprecia. Naturalmente o soltará quando ha alguem perto para o vigiar. Deixá-lo vaguear pelas ruas e quintais não é direito para ele e nem para os outros. O cachorrinho refuga a corrente nos primeiros dias, mas é surpreendente quão depressa a ela se habitua.

Aos cinco meses de idade — e o repito para gravar melhor — ele dorme pelo menos doze horas por dia e descansa mais seis das outras doze. Acorrentando-o a intervalos regulares, é certo que descansará suficientemente e, o que é mais importante, isso o livrará de excessiva agitação. Em brincadeira com outros cachorros ele faz uma pausa e vai dormir, mas com crianças não sabe parar, nem elas tão pouco. A corrente significa ter chegado a hora de descansar, e o cão não sómente a aceita, mas inda a seu proprio modo pede por ela.

Quanto a acorrentá-lo à noite, em minha experiencia, se esquecia de prender meu cão, ele ficava latindo à porta, para me lembrar o fato. Não distante de onde ele dorme, uma amiga tem dois cães, que passam a noite dentro de casa para guardá-la. E o fazem. Os dois estão amarrados à sua cesta de dormir, no *hall*, por uma cordinha. E cada um se recusa pela manhã a sair da cama, até desamarrarem a cordinha da coleira. Se esquecem de prendê-los à noite, eles ficam arranhando a porta do quarto de sua dona até ela se erguer e fazer-lhes a vontade.

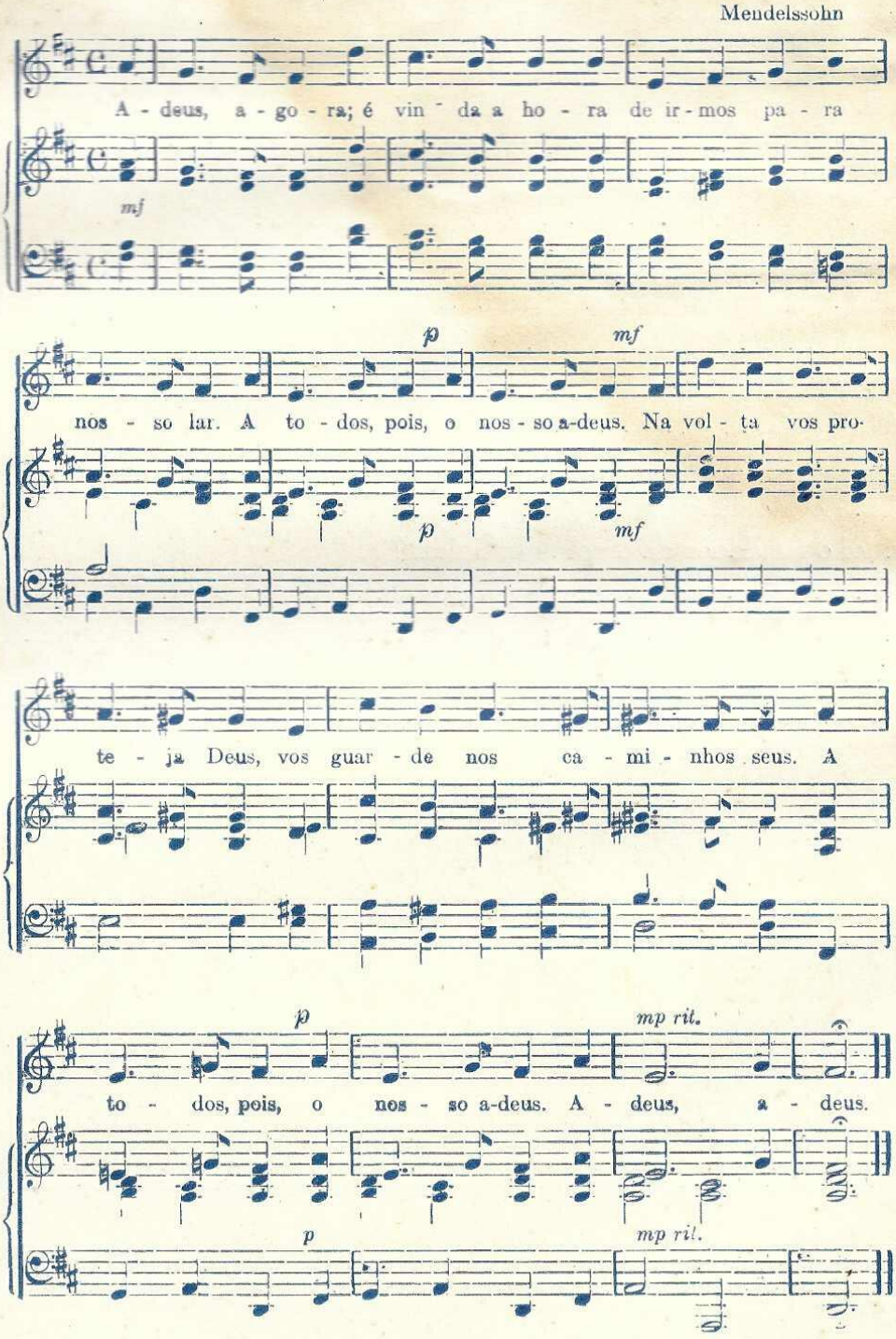
Um cachorro depressa se acostuma com coleira e corrente, depois do que julga que estas lhe pertencem por direito. Afaste essa idéia de crueldade, portanto, e acostume o cachorro ao que convém a todos. E' de bom aviso acostumá-lo com a coleira uma semana antes de trazê-lo para casa, onde tudo lhe é estranho a principio ; de outra forma ele a cada passo procurará com as patas libertar-se daquele anel exquisito em torno do pescoço. Uma vez acostumado com ela, cada manhã retiro a coleira e jogo-a fora, ou finjo isso, enquanto o cachorrinho se esfrega de ponta a ponta. E com quanto gosto o faz ! Depois dirijo-me para casa, mas antes de chegar à porta, lá vem o cachorro correndo com a coleira, que pensa ter eu esquecido. E agora vamos à lição mais importante. (*continúa*)

quem é que sabe?...

1) Completar : *Não te glories do dia de amanhã,* . . . . . ?
2) Qual a cidade sul-americana que instalou primeiro a iluminação eletrica?
3) Qual era o nome do cavalo famoso de Alexandre Magno?
4) Que rei francês reinou 72 anos?
5) Quem era Mercurio? Com que classe ele se associa hoje?
6) Que rei tinha o apelido de "Coração de Leão"?
7) Se é nação independente a Islandia?
8) Que é o significado da palavra *Evangelho*?
9) Quais as quatro potencias européas que tiveram grandes possessões na America do Norte?
10) Quem foi o fundador da escola dominical?
11) Qual é a nação da europa com maior população por km.^{2}?
12) Quem escreveu perfeitas composições musicais com cinco anos de idade?
13) Que rapaz, armado de uma funda, matou um guerreiro gigante?
14) Que rei da Inglaterra foi coroado aos nove anos de idade?
15) De que côr são as letras *Ordem e Progresso* de nossa bandeira?

Respostas ás perguntas de Maio :

1) *Assim é o homem que engana ao seu proximo, e diz : Não estou eu brincando?*
2) Nova Guiné.
3) Meneláus, rei de Esparta.
4) Conforme a mitologia, Atlas levava o mundo nos seus ômbros.
5) Louis XIV disse: "L'Etat, c'est moi".
6) Lyof Tolstoi.
7) *Robinson Crusoe.*
8) O termo hebraico para designar o lugar em que Cristo foi crucificado.
9) A de Milano.
10) De José Bonifacio de Andrada e Silva.
11) Da cochonilha.
12) Os equinoxios : um aos 21 de Março e outro aos 22 de Setembro.
13) C. Collodi, em italiano.
14) Porto Alegre.
15) Guanabara.

Canção de Adeus

Mendelssohn